



Agenciamentos comunitários, desenvolvimento local e turismo religioso: o caso de Natividade - TO

Poliana Macedo de Sousa
José Rogério Lopes

Resumo: Este artigo pretende discutir o papel da Associação Comunitária e Cultural de Natividade-TO (Asccuna) no fomento de atividades e projetos culturais em benefício da proteção do patrimônio do município, além de suas atividades nas principais festas religiosas: a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, enquanto atrativos turísticos para o desenvolvimento local. Para tanto, utilizou-se pesquisa bibliográfica sobre turismo religioso, identidade, cultura, desenvolvimento e demais, além de informações em sites e documentos disponibilizados online pelos órgãos estatais e de material jornalístico. Entende-se que as abordagens analíticas sobre as principais festas religiosas da cidade, mesmo que sucintas, permitem reconhecer um campo de implicações entre religião, cultura e economia que se forma em torno das mesmas e o papel dos atores sociais nesse processo.

Palavras-chave: Turismo Religioso. Desenvolvimento Local. Tocantins. Natividade.

Introdução

O Tocantins foi desmembrado do estado de Goiás em 5 de outubro, por meio da Constituição de 1988. Com isso, boa parte dos traços culturais que se encontram hoje no estado foi repassada de geração para geração, seja pela influência familiar ou pelo próprio processo de colonização dessa região.

Natividade, cidade histórica da região sudeste do Tocantins, foi fundada na segunda metade do século XVIII, pelos colonos portugueses que buscavam ouro naquela região. A cidade possui edificações seculares, mantém preservadas muitas crenças, além de tradições folclóricas e festas religiosas.

Em 1987, Natividade passa ser reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio histórico nacional, inscrita nos Livros do Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pela Lei 6.292, de novembro de 1975, e para efeitos do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que foi homologado o tombamento do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Natividade,



então pertencente ao Estado de Goiás, pelo Ministério da Cultura, na época comandado pelo Ministro Celso Monteiro Furtado (MESSIAS, 2010).

As principais festas religiosas de Natividade são: a Festa do Divino Espírito Santo e Romaria do Senhor do Bonfim, apesar da comunidade comemorar tantas outras como o Dia de Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora das Candeias, Dia de São Brás, Terços de São José, Semana Santa, Santo Expedito, São Jorge, São João, São Benedito, São Cosme e Damião, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Natividade, padroeira do estado. A Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim são estabelecidas como tradição¹ no Tocantins, que apesar de ter sido desmembrado do estado de Goiás em 1988, contém uma cultura peculiar e híbrida, que merece ser preservada e compreendida.

Entende-se que essas festas são diferenciadas na região, caracterizando-se pela sua singularidade, nas quais os ritos e as celebrações são específicos para seus públicos. Mesmo assim, ainda são poucas pesquisas realizadas no estado do Tocantins sobre suas manifestações culturais e religiosas, as quais seriam de suma importância para registro dessas tradições.

O que se tem de informação atualmente, resume-se às matérias jornalísticas nos meios de comunicação do estado, principalmente os estatais, trabalhos de conclusão de curso e alguns artigos científicos, além de arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade, a Asccuna. Dentre os autores que trabalham com pesquisas acerca de religiosidade e festas religiosas no Tocantins, pode-se citar Messias (2010), Oliveira (2010), Souza (2012), Sousa (2017) dentre outros.

Este artigo tem por objetivo apresentar as ações da Associação Comunitária e Cultural de Natividade (Asccuna) para o fomento de atividades e projetos culturais em benefício da proteção do patrimônio do município, além das atividades nas principais festas religiosas, sendo elas a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, enquanto atrativos turísticos para o desenvolvimento local. Para tanto, utilizou-se pesquisa bibliográfica sobre turismo religioso, identidade, cultura, desenvolvimento e demais, além de informações em sites e documentos disponibilizados online pelos órgãos estatais e de material jornalístico.

¹ INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2012 que disciplina os procedimentos para inclusão de eventos culturais no Calendário e Agenda Culturais do Tocantins e dá outras providências. Sendo Eventos Tradicionais: eventos realizados há pelo menos 10 (dez) anos ininterruptos e que faça parte de uma comunidade específica, transmitido de geração à geração e que tenham reconhecimento em nível estadual por parte do Governo do Estado.



A premissa inicial deste trabalho refere-se à identidade religiosa atribuída localmente a Natividade: essa identidade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas religiosas adquirem centralidade.

Asccuna: comunidade, motivações e as lógicas da ação social

A Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna) foi criada em 1992 com o objetivo de colaborar com a preservação do patrimônio cultural de Natividade, por meio da implantação de projetos e ações. Presidida atualmente pela sua fundadora, a economista Simone Camelo de Araújo, que também é especialista em Cooperativismo, a Asccuna possui dentre essas ações e projetos: a compilação de dados sobre o município em uma apostila que é utilizada nas bibliotecas e pelos professores em salas de aula das escolas do município, além de acervo bibliográfico sobre o município disponibilizado ao público na biblioteca municipal e na sede da entidade; implantação de projetos de resgate e preservação de técnicas tradicionais na comunidade como trabalhos manuais (vagonite, hardanger e ponto de cruz), confecção de joias artesanais em ouro e prata (criação e manutenção da Ourivesaria Mestre Juvenal), confecção de bolos, biscoitos e licores típicos, confecção de tambores da suça, entre outros (ASCCUNA, online).

A Associação possui uma forte atuação na organização das festas tradicionais de Natividade e na preservação de manifestações folclóricas (música, dança e teatro), além de ser uma referência como fonte de informações sobre o município (ASCCUNA, online). Outra ação da Asccuna é a confecção do Calendário de Eventos² de Natividade, uma referência para turistas, pesquisadores, imprensa, órgãos e entidades, enquanto divulgadora de informações na internet.

Em entrevista ao Jornal do Tocantins³, na comemoração dos 25 anos da Associação, Simone Camelo explica sua motivação à frente da organização e destaca que a Asccuna sempre está em busca da história e da cultura de Natividade e que a Associação realizou nos últimos anos o resgate de projetos que dão identidade para a comunidade, que também

² Calendário disponível no site <http://joiasdenatividade.com.br>.

³ Entrevista publicada no dia 09 de dezembro de 2017. Acesso à versão online da matéria, pois a versão impressa do jornal deixou de circular no dia 31 de dezembro de 2018 e o acesso ao arquivo físico demandava autorização da direção do meio de comunicação.



abraça a causa e é beneficiada com geração de renda e a preservação das memórias e das tradições (SOARES, 2017).

Percebi que Natividade precisava ter uma entidade, e que várias pessoas faziam ações, e que ter uma instituição seria um respaldo junto às políticas públicas. [...] Logo que criamos, cobramos a presença de um escritório do Iphan no Tocantins e chamamos o órgão para Natividade por ser, na época, a única cidade tombada no Estado. Foi feita então a parceria e funcionaram juntos a sede da associação e do Iphan. [...]. Mas o processo de resgate, manutenção e transmissão desse saber histórico não é algo fácil. Natividade tem uma característica que torna difícil e fácil ao mesmo tempo. Tudo é cultura, tudo é patrimônio. Você lidar com um festejo não é algo comum, existe todo um rito que deve ser seguido. É uma responsabilidade muito grande para a entidade e temos procurado levar o reconhecimento da comunidade (SOARES, 2017).

Essa constante busca de objetivação de propósitos exposta na motivação da fundadora da Associação guarda uma correlação com a construção da identidade. Nessa construção, segundo Bajoit (2006),

[...] os compromissos que o indivíduo assume para consigo mesmo, e, portanto, a “ideia” ou a “imagem” que ele tem da sua identidade, nunca são completamente (in)conscientes nem (in)voluntárias. [...] a “ideia” que ele tem de si mesmo não é imutável, mas dinâmica, em constante evolução, em readaptação permanente. [...] aqueles que ocupam a mesma posição numa relação social participam da mesma identidade coletiva (BAJOIT, 2006, p.233).

Para Bajoit (2006, p. 235), a própria construção da identidade projeta compromissos e planos de ação que estabelecem quadros de interação, nos quais permutas e vínculos modelizam as lógicas de ação

[...] “de “eus” sempre já constituídos, mas também em processo de continua reconstituição. Cada um assumiu perante si mesmo compromissos identitários: tem uma certa “ideia” daquilo que é e do que queria vir a ser e daquilo que acredita dever fazer para isso. Para realizar esses compromissos, cada indivíduo precisa dos outros – deve entrar em relações sociais com eles, participar em permutas e em laços sociais. Logo, cada um entra em lógicas de ação com os outros para realizar a sua identidade pessoal graças a, apesar de, com, contra, e entre eles.

Dessa maneira, segundo o autor ressalta, a maior parte dos grupos sociais reais (a família, o partido, a igreja, o sindicato, o grupo profissional, os cidadãos, a classe social) baseiam-se na combinação de várias formas de solidariedade (BAJOIT, 2006, p. 243).



Partindo dessas motivações, as ações desenvolvidas por diversos atores são fundamentais para o fomento do turismo religioso em Natividade, principalmente a comunidade local, que é o caso da Asccuna, que desenvolve ações e projetos que, além de cuidar do patrimônio e cultura locais, são base de informação e de construção da história e memória do lugar.

Festas religiosas de Natividade: características, cultura e desenvolvimento

Considerada uma das mais antigas expressões do catolicismo popular brasileiro, a festa em culto ao Divino Espírito Santo é encontrada em diferentes regiões brasileiras, com dimensões próprias e peculiares. Para Amaral (1998, p. 200), a difusão da Festa do Divino no Brasil está diretamente vinculada aos percursos da colonização portuguesa e

[...] elas parecem ter tido início, no Brasil, nas áreas de mineração do ouro, como Minas Gerais e Goiás. [...] A respeito dos primeiros tempos da Festa do Divino no Brasil e as formas pelas quais teria sido levada à região central, existem poucas e imprecisas informações, tanto nos vários autores que dela trataram como também segundo alguns moradores desta região.

Não se sabe ao certo o início das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, porém há arquivos na Asccuna da realização da festa desde 1904⁴, com Hermenegildo da Silva como imperador do Divino. A partir da década de 1980⁵ até a atualidade, esses registros ficaram a cargo da Paróquia Nossa Senhora de Natividade e da própria Associação. Desde então, a festa é realizada anualmente e conta com a participação da população em todos os detalhes, seja na preparação ou simplesmente como devotos.

A festa segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada 50 dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, na qual símbolos com a pomba e a cor vermelha que representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

Dentre as peculiaridades dessa festividade religiosa, Natividade é uma das cidades do Tocantins em que se comemora a Festa do Divino Espírito Santo durante 50 dias. A

⁴ Esses dados são da memória de Leofácia Araújo, nativitana, que fez um resgate de todos os imperadores do ano de 1904 até o ano de 1980, para os arquivos físicos da Associação Comunitária Cultural de Natividade – Asccuna.

⁵ Em Natividade, ainda em meados da década de 1980, com a chegada de um novo pároco, Joatan Bispo de Macedo, a devoção ao Divino foi retomada em sua plenitude. Segundo informações dos devotos, por ser natural da região, ele se propôs a reinserir as folias na festa do Divino no município.



festividade faz parte do cotidiano da comunidade local, pois a envolve em toda programação, mudando seus hábitos e sua rotina para sua contemplação.

Na medida em que a cidade se sintetiza na festa e produz uma identidade, pode-se afirmar que um dos aspectos de uma identidade seria compartilhar um sentimento de país, de cidade, de bairro ou de coletivo em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse intercambiável. Nesses territórios, a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 2006, p. 190).

Hall (2002) e Canclini (2006), dentre outros, apresentam que identidades culturais são definidas a partir de pontos de identificação através da cultura e história onde é formada por meio do tempo vivido (passado e presente) por determinada sociedade e, além disso, essas identidades estão em constantes construção e reconstrução dentro do ambiente temporal e influenciadas pela memória individual e coletiva dessa comunidade. Nessa perspectiva, “a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória” (BOLL & OLIVEIRA, online).

Já a Romaria Senhor do Bonfim acontece na comunidade de Bonfim, em Natividade, distante 23 km da sede do mesmo município. Realizada no mês de agosto, a Romaria é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins. É um evento que atrai pessoas de várias localidades e desenvolve um papel regional relevante.

Segundo Souza (2012, p.228),

A procura acentuada pela comunidade de Bonfim por motivos religiosos - movimento que, segundo a Igreja local, data do século XVIII -, começa a se desenvolver mediante a uma crença mitológica que ainda hoje é forte. Um vaqueiro teria encontrado, em um ambiente pantanoso, a imagem do Senhor do Bonfim sobre um tronco de madeira e quando a retirava do local e a levava para a igreja de Natividade, ela reaparecia na mesma paragem onde havia sido encontrada. Segundo a crença popular, esse movimento de ida e volta da imagem, impulsionado pela vontade do “Senhor do Bom Fim”, teria ocorrido repetidas vezes⁶.

A Romaria se destaca por reunir milhares de pessoas, peregrinos e comerciantes de diversas localidades, que aproveitam o movimento de pessoas para repassarem seus

⁶ Essa construção sobre deslocamentos espontâneos de imagens de santos é comum, repetindo-se em várias narrativas, como por exemplo no Círio de Nazaré, em Belém - PA (AMARAL, 1998) e Nossa Senhora Aparecida em São Paulo (MORENO, 2009).



produtos. É a mistura do sagrado e do profano, simbolizando um ambiente social e econômico de trocas e confirmação de identidade e cultura com as relações econômicas locais.

É por meio dessas festividades religiosas que se percebe os modos de festejar de uma comunidade, os quais revelam muito sobre sua identidade, pois neles estão presentes todas as suas características principais como as comidas típicas, a música, o artesanato, a dança, entre outros. E essa transmissão e valorização de determinada cultura depende da tradição de cada comunidade.

[...] A tradição (“nossa herança cultural”) mostra-se de modo claro como um processo de continuidade deliberada, embora, analiticamente, não se possa demonstrar que alguma tradição seja uma seleção ou re-seleção daqueles elementos significativos recebidos e recuperados do passado que representam uma continuidade não necessária, mas desejada. [...] esse “desejo” não é abstrato, mas efetivamente definido pelas relações sociais gerais existentes (WILLIAMS, 1992, p. 184-185).

Ao celebrar festas religiosas os sujeitos unem-se por meio dessas práticas culturais ao dançar, cantar e orar, sem contarmos ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos, pois a religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade.

As festas religiosas católicas em Natividade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam para manter a tradição, fazendo com que essa mesma acabe por se tornar uma característica local, ou seja, criando uma identidade cultural. Com isso, ressalta-se que o estudo dessas festas não pode ser feito de modo estanque, sem correlacioná-las com a vida cotidiana, suas rotinas, especialmente com o mundo do trabalho. Elas fazem parte daquele universo do ‘lazer’, no qual as classes populares ingressam de modo mais intenso ao conquistar o direito do ‘ócio’, privilégio historicamente desfrutado pelas classes abastadas (MELO, 2000, p. 58).

Beltrão (1980, p. 61) afirma que a celebração das festas católicas decorre de um calendário religioso baseado no ano litúrgico, de amplitude universal e que assume caráter especificamente regional ou local, “quando se trata de comemorar o ‘dia do padroeiro’, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores”.

A comunidade católica nativitana reúne-se em torno desses cultos, unindo o sagrado e o profano em uma mesma celebração. E nessa celebração, logicamente, tal união produz representações que passam a ser vistas como expressões de uma “consciência coletiva”, na qual podemos observar que existe a transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva, como já indicou Durkheim (2008).



Atualizando essas referências, Canclini (2006, p. 220) afirma que

[...] os fenômenos culturais folk ou tradicionais são, hoje, produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações.

Farias (2005) vai além do tradicional sobre processos híbridos e trata as festas, neste caso, as festas religiosas, como o “casamento” da cultura com a economia, em que, ao adquirirem relevância social e cultural, também surgem como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico e modernização local e regional. E ainda,

[...] as festas-espetáculo populares brasileiras compreendem acontecimentos que compõem agora um circuito de eventos-espetáculo cosmopolitas. Situações definidas em razão do forte apelo mercantil das atividades neles desenvolvidas, as quais estão voltadas para a prestação de serviços de diversão e turismo e se situam nos canais dos fluxos das redes midiáticas, pelos quais símbolos são insumos e mercadorias, a um só tempo. Neste âmbito estão amalgamadas expressão e produção culturais; profissionalismo e brincadeira (FARIAS, 2005, p. 655-656).

Nesse contexto, segundo Yúdice (2004, p. 11), os rituais e as práticas do dia-a-dia como canções, lendas populares, culinária, costumes e ainda, outras práticas simbólicas, também podem ser vistos como recursos para o turismo e para a promoção do patrimônio. “A noção de cultura como recurso pressupõe seu gerenciamento, uma perspectiva que não era característica nem da alta cultura nem da cultura cotidiana no sentido antropológico”.

Assim, esses registros das abordagens analíticas sobre festas religiosas, mesmo que sucintos, permitem reconhecer um campo de implicações entre religião, cultura e economia que se forma em torno das mesmas. A questão, adiante, é refletir sobre o potencial que tais implicações assumem, como lógica possível de desenvolvimento para a cidade.

Desenvolvimento como liberdade: há um caminho por meio das festas religiosas?

Entende-se que Natividade segue um modelo de expressão cultural por meio de suas festas religiosas. A cidade está distante 220 km da capital do Tocantins, Palmas, e conforme



o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, possui população de 9 mil habitantes⁷.

O município vive em torno de suas principais festividades religiosas⁸ durante todo o ano, de forma sequencial a partir de janeiro com as Folias de Reis, depois Semana Santa, entre março e abril, com a festa do Divino Espírito Santo, logo depois a Romaria do Bonfim em agosto, a festa de Nossa Senhora de Natividade em setembro, demais santos e por fim, a Festa de Nossa Senhora da Conceição e Festa do Menino Jesus, no Natal. Todas com apoio da Igreja, da Asccuna e nas maiores com aporte do Governo do estado, para a realização das mesmas. Sem contar que as demais festividades religiosas da cidade reúnem principalmente a comunidade local ou “filhos” da cidade que moram em outras localidades.

Ocorre que o reconhecimento de um modelo de expressão cultural é distinto do reconhecimento de um modelo de agenciamento econômico para o desenvolvimento. A convergência desses modelos implica haver mudanças e deslocamentos nesses processos de reconhecimento, e atores que os agenciem. Hagen (1974, p. 30), nesse sentido, já expôs que “a mudança econômica implica em mudança social”. Desde essa orientação, supomos aqui que a Asccuna, enquanto representante da comunidade, pode ser considerada um dos atores sociais que atua em projetos e ações para o desenvolvimento de Natividade. Porém, apesar de Natividade ser uma cidade que realiza suas principais festas religiosas (Festa do Divino Espírito Santo e Romaria do Senhor do Bonfim) entre os meses de abril a agosto de cada ano, reunindo milhares de devotos, romeiros e turistas, ainda consegue manter a economia ativa nos demais meses devido ao setor de serviços públicos. E o turismo de forma geral? E o turismo religioso, não existe?

As festas movimentam a economia local (muitas vezes na informalidade), o turismo e toda uma cadeia de serviços que acaba por reunir diversas pessoas nos dias que as antecedem, como por exemplo, nas comemorações do dia do Senhor do Bonfim, que reúne milhares de visitantes que utilizam hotéis, pousadas, restaurantes, comércio local de forma geral. Tal efervescência, porém, pode não se traduzir em modelo de desenvolvimento apropriado.

⁷ Com população estimada em 9.239 pessoas no ano de 2018. (IBGE, 2018, Estimativa).

⁸ Pode-se afirmar que a população de Natividade é religiosa, pois 84,5% (7.604 pessoas) declararem-se católicos, 11,5% (1.036) evangélicos e 0,5% (43) espíritas, conforme levantamento de 2014 do IBGE. Com relação ao seu perfil econômico divulgado pelo IBGE em 2013, a cidade possui Produto Interno Bruto (PIB) voltado principalmente para o setor “Administração e Serviços Públicos”, com 35,57%, seguido pelo setor de “Serviços” (25,06%) e “Indústria” (23,52%) (IBGE, 2013).



Lopes e Pereira (2017), citando Irving et al (2005), explicam que

[...] a efetiva participação das comunidades locais no processo de planejamento e gestão da atividade turística parece, portanto, essencial, pois a população local é conhecedora e vivencia a sua realidade imediata, sendo capaz de identificar problemas e necessidades, avaliar alternativas, desenvolver estratégias para proteção e/ou valorização do patrimônio natural e cultural e buscar soluções para os problemas identificados, sugerindo caminhos que levem à melhoria da qualidade de vida, ao fortalecimento da cultura local e ao bem-estar social (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 58).

De forma geral, a associação entre turismo e desenvolvimento se respalda nas oportunidades de crescimento de PIB e renda. Sen (2010), por outro lado, argumenta que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob esse viés. Segundo sua teoria, o desenvolvimento deve expressar o êxito de uma sociedade, com base nas liberdades substantivas de que os indivíduos desfrutam,

[...] embora esses fatores contribuam diretamente para a expansão da liberdade da sociedade, ele não pode ser considerado um fim em si mesmo, uma vez que o desenvolvimento deve ser relacionado com a melhora de vida dos indivíduos e com o fortalecimento de suas liberdades (OLIVEIRA, 2016, p. 33).

Oliveira explica ainda que o processo de desenvolvimento depende de muitas variáveis, como: a industrialização, o progresso tecnológico, a modernização social e as disposições sociais e econômicas. Com isso,

[...] após várias décadas buscando a promoção do desenvolvimento econômico por meio do crescimento econômico, está se redescobrimo que este, por si só, não é suficiente. Haja vista que se pensa cada vez mais no modo como as pessoas são afetadas pelo processo de crescimento, ou seja, se os incrementos positivos no produto e na renda total estão sendo utilizados para promover o desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2016, p. 36).

No caso de Natividade e da promoção do desenvolvimento regional, onde estão o Estado e suas políticas públicas? A criação da Asccuna foi uma “solução” para que o município pudesse desenvolver/receber atividades e projetos para o desenvolvimento local, além de firmar parcerias com órgãos e entidades.

Oliveira (2016, p. 61), citando Dowbor (2001), esclarece que no cenário atual, o poder público assume o papel de articulação do desenvolvimento, e não, promoção. “Os agentes locais deixaram de ser objetos, passando a ser sujeitos do seu desenvolvimento e, ainda, que o poder público não é mais o provedor e, sim, o articulador do desenvolvimento econômico”.



Ainda para Oliveira (2016, p. 61),

[...] o Estado precisa apenas intervir no sentido de buscar conhecer as potencialidades das regiões, considerando que cada região apresenta características diferentes, buscando, inclusive, políticas para as regiões mais atrasadas, com o intuito de minimizar as diferenças regionais, procurando fazer com que ocorra o efeito multiplicador entre as regiões. Então, para que aconteça o desenvolvimento endógeno é necessário que ocorra a cooperação entre os agentes sociais, mesmo em um ambiente competitivo, que é típico do sistema econômico baseado na globalização, além de investimentos no conhecimento das potencialidades locais, em pesquisa, desenvolvimento, inovação, conhecimento e capital social.

Assim, os autores defendem que o que se tem buscado são políticas públicas voltadas à promoção do desenvolvimento econômico, com base direcionada para o desenvolvimento regional, e com a interação de todos os agentes envolvidos no processo, sendo eles comunidade, poder público, entidades privadas, paraestatais e demais.

Cultura e Turismo Religioso

A construção de uma identidade parte de uma realidade multicultural que deve ser compreendida como narrativa e que tem a memória coletiva como fator primordial nessa formação.

Adota-se aqui, o conceito de cultura apresentado pelo antropólogo Clifford Geertz (2008), em que a cultura é, em parte, controladora do comportamento em sociedade, criando e recriando comportamentos, devido ao seu conteúdo ideológico, algo impossível de não possuir significado.

Para compreensão dos símbolos sagrados e entender a cultura, Geertz (2008, p. 66-67) explica que eles

[...] funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.



Correlacionando cultura e desenvolvimento, temos que a cultura passou a ser vista como uma área em que se deve realizar investimentos, como aponta Yúdice (2004, p. 11), e “distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias culturais e como uma fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual”.

O autor apresenta ainda que a atividade cultural reduz os conflitos sociais e promove o desenvolvimento econômico, sendo esse o único meio de convencer os líderes governamentais e empresariais de que vale a pena apoiar a atividade cultural.

[...] a cultura como recurso é muito mais do que uma mercadoria; ela é o eixo de uma nova estrutura epistêmica na qual a ideologia e aquilo que Foucault denominou como sociedade disciplinar (isto é, a imposição de normas a instituições como a educacional, a médica, a psiquiátrica etc.) são absorvidas por uma racionalidade econômica ou ecológica, de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em “cultura” e seus resultados – tornam-se prioritários (YÚDICE, 2004, p. 13).

Como já exposto, a cidade de Natividade é patrimônio cultural desde 1987, reconhecida pelo Iphan como patrimônio histórico nacional e ainda, o tombamento do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade. Sendo assim, como unir cultura, patrimônio, desenvolvimento, turismo e religião?

Para Lopes e Pereira (2017, p. 49),

[...] os monumentos históricos e patrimoniais das cidades, sejam eles expostos como sítios preservados de edificações, sejam expressos em ruínas e vestígios deixados pelo passado, constituem importantes investimentos a serem feitos para atrair grandes fluxos de turistas interessados nos produtos singulares dos lugares e, por sua vez, estes lugares precisam de avultados investimentos em um espírito de sinergia entre as comunidades locais, os governos e os mercados turísticos, com vista a garantir o seu potencial e contribuir para a sua crescente procura turística, preservando as potencialidades locais e agenciando o desenvolvimento das populações.

Vejamos, então, alguns desses elementos no contexto de Natividade.

Turismo religioso: conceitos e categorias

Para diversos autores, a prática do turismo religioso não pode ser balizada apenas como o ato de viajar, mas sim, por todo um complexo de valores e crenças inerentes de cada indivíduo (TERZIDOUA; SCARLES; SAUNDERS, 2018; PRAZERES; CARVALHO, 2015),



sem contar com os locais onde ocorrem as festividades religiosas que são também patrimônios e têm se transformado em elemento de atração turística (FORGA; VALIENTE, 2018; BARBOSA, 2005; LOPES, 2017), e ainda, as transformações dessas manifestações religiosas e alteração dos modos de vivência da fé (PRAZERES; CARVALHO, 2015; LOPES, 2014).

A crescente e diversificada mobilidade contemporânea das pessoas em busca de lugares aprazíveis para descanso e diversão, para conhecimento e auto-conhecimento, e mesmo trabalho, está longe daqueles deslocamentos turísticos iniciais em busca de idealizações idílicas ou utópicas (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 48).

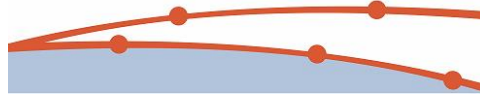
O conceito de turismo é um pouco controverso, segundo os vários autores que tratam desse assunto. O turismo está relacionado com as viagens, porém não são todas as viagens que são consideradas como turismo. O conceito de turismo implica a existência de recursos naturais e/ou culturais, além de infraestrutura (BARBOSA, 2005).

Silveira (2007, p. 36) defende que nem todo deslocamento de visitantes em direção a lugares sagrados, templos ou festas pode ser inserido na categoria de "turismo religioso", mas pelo fato dessa categoria de turismo ser "antiga prática social renomeada agora, em tempos de globalização e desterritorialização, constitui-se em visitar lugares considerados sagrados, usando-se estrutura de hospedagem. Acaba sendo adjetivado de turismo esotérico ou místico [...], evangélico etc."

Giumbelli (2018) aponta que existem diferentes entendimentos que incidem sobre a ideia de turismo religioso, em que

[...] a dimensão religiosa é acompanhada por elementos ecológicos e culturais, formando um conjunto enquadrado pela ideia de turismo, para a qual o argumento econômico é fundamental. Embora as referências oficiais sobre "turismo religioso" se enderecem quase sempre a sítios e eventos católicos, ele é apresentado como uma modalidade do "turismo cultural".

De acordo com Maio (2004), o turismo religioso é uma viagem em que a fé é o motivo principal, mas que pode traduzir motivos culturais em conhecer outras manifestações religiosas. Dias (2003) citado por Maio (2004) acrescenta que o turismo religioso é aquele realizado por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso que são as romarias, peregrinações, visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.



Para Lopes e Pereira (2017, p. 49), “os diferentes destinos turísticos não se distinguem somente pelos serviços e estruturas de lazer que proporcionam, senão que o fazem pela diferenciação que projetam de uma paisagem turística, como um lugar singular a ser habitado”.

O turismo brasileiro apresenta, a cada ano, números mais expressivos em relação ao segmento religioso. De acordo com dados preliminares do Departamento de Estudos e Pesquisas do Ministério do Turismo (MTur), em 2014, cerca de 17,7 milhões de brasileiros viajaram pelo país levados pela fé, em que cerca de 10 milhões fizeram viagens sem pernoitar no destino (excursionistas) e outros 7,7 milhões permaneceram pelo menos uma noite no local (TURISMO, 2015).

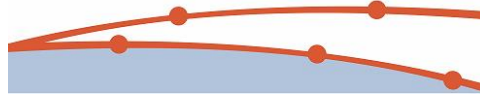
Com relação ao aspecto organizacional, o turismo religioso subdivide-se em romaria, peregrinação e penitência.

[...] por romaria entende-se o deslocamento de livre vontade a lugares sagrados e sem pretensões de recompensas materiais ou espirituais; a peregrinação compreende os deslocamentos a lugares sagrados objetivando o pagamento de promessas anteriormente feitas a espíritos bem-aventurados e, por último, a penitência, ou a viagem de reparação, que compreende os deslocamentos a lugares sagrados, cujo objetivo é redimir-se dos seus pecados em uma viagem de arrependimento (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 340).

Maio (2004) expõe que são utilizados seis atributos para classificar os atrativos turísticos e religiosos, podendo ser analisados para verificar a área de destino, o objetivo final e a motivação da viagem. Sendo eles:

- 1) Santuários de peregrinação que seriam os locais de valor espiritual e com datas devocionais especiais;
- 2) Espaços religiosos de grande significado histórico-cultural que podem ser considerados como atrações turístico-religiosas;
- 3) Encontros e celebrações de caráter religioso;
- 4) Festas e Comemorações em dias específicos com eventos dedicados a determinados símbolos de fé, calendários litúrgicos ou manifestações de devoção popular;
- 5) Espetáculos artísticos de cunho religioso, como encenação de eventos religiosos;
- 6) Roteiros de Fé que são caminhadas de significado espiritual, pré-organizadas em um itinerário turístico- religioso.

Se compararmos esses atributos com os atrativos turísticos das festas religiosas que acontecem em Natividade, temos quatro dos seis atributos turísticos na região, sendo eles



santuários de peregrinação, roteiros de fé e espaços religiosos de grande significado histórico-cultural na Festa do Senhor do Bonfim; as festas e comemorações em dias específicos, como a Festa do Divino Espírito Santo, além das construções históricas. Por qual motivo Natividade não se encaixa como um destino de turismo religioso de destaque no Tocantins?

O Ministério do Turismo (MTur) adotou⁹ uma nova metodologia para categorizar os municípios brasileiros. A partir de quatro variáveis de desempenho econômico: número de empregos, de estabelecimentos formais no setor de hospedagem, estimativas de fluxo de turistas domésticos e internacionais, categorizando os 3.345 municípios do Mapa do Turismo Brasileiro de A até E (MUNICÍPIOS, 2015a).

Ainda segundo informações do Ministério do Turismo, a categorização é um instrumento previsto como uma estratégia de implementação do Programa de Regionalização do Turismo e permite tomar decisões mais acertadas e implementar políticas que respeitem as peculiaridades dos municípios brasileiros.

Natividade está na categoria D. O Tocantins tem 46 cidades agrupadas nas categorias de A até E. Palmas, assim como todas as capitais brasileiras, ficou na categoria A, que representa os municípios com maior fluxo turístico e maior número de empregos e estabelecimentos no setor de hospedagem. Outros cinco municípios do Tocantins foram inseridos nessa categoria, sendo Araguaína na categoria B e, as cidades de Dianópolis, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional na categoria C. As outras 40 cidades restantes foram categorizadas como D e E (MUNICÍPIOS, 2015b).

Ao acessar o Portal de Turismo do Governo do Tocantins (<http://turismo.to.gov.br>), que tem como objetivo divulgar os atrativos turísticos no estado, na categorização para visitação, não há nenhuma voltada ao Turismo Religioso, apenas nas áreas de “Artesanato e Cultura”, “Ecoturismo e Aventura”, “Negócios e Eventos”, “Gastronomia de Negócios”, “Sol e Praia”, “Esporte e Náutica” e “Pesca Esportiva”.

No Portal do governo ainda, o Tocantins foi dividido em regiões turísticas, sendo elas: “Encantos do Jalapão”, “Serras e Lago”, “Praias e Lagos do Cantão”, “Serras Gerais”, “Bico do Papagaio”, “Ilha do Bananal” e “Vale dos Grandes Rios”.

Natividade é citada na região turística “Serras Gerais” e no próprio Portal é apresentada como a cidade que se destaca pela sua charmosa arquitetura colonial, festas religiosas, folclore e gastronomia, mas não há um aprofundamento e destaque para as festas

⁹ Pela PORTARIA Nº 144, DE 27 DE AGOSTO DE 2015, que estabelece a categorização dos municípios pertencentes às regiões turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro.



religiosas realizadas no município, enquanto todo o calendário de eventos que ocorrem na cidade é formulado todos os anos e disponibilizado pela Asccuna em seu site, com a programação completa das festas e datas estabelecidas conforme o calendário litúrgico, e nenhuma menção do site oficial do governo do Tocantins sobre o assunto. O que falta em Natividade?

Giumbelli (2018) ressalta que “o religioso já não é suficiente ou pertinente para estipular o destino de uma peregrinação. [...] As noções de sagrado e de espiritual precisariam ser adotadas para dar conta dessas transformações”. Essa categorização é apresentada pelo autor como uma ideia de “turistificação” que são apreendidas como recurso.

E ainda,

[...] lugares religiosos que são transformados – com ou sem a colaboração de autoridades religiosas – em destinações turísticas. Museus dedicados à religião ou mantidos por instituições religiosas são cotejados por parques temáticos nos quais a religião torna-se o foco. Espetáculos cujo tema é a religião fazem parte da programação cultural de algumas cidades. Há muitos exemplos de como turismo e peregrinação podem se misturar, como no caso de pessoas que viajam de volta a seus locais de origem (*diaspora tourism*) (GIUMBELLI, 2018).

Timothy e Olsen (2006) citados por Giumbelli (2018) questionam a pertinência das motivações como critério para distinguir o peregrino do turista em que,

Muitas pessoas viajam para uma variedade cada vez maior de locais sagrados [...] porque têm interesse educacional em aprender mais sobre a história de um local ou entender uma fé religiosa específica e sua cultura e crenças, em vez de serem motivadas apenas pela busca de prazeres ou crescimento espiritual. [...] Assim, falamos de tipos de turistas e não se uma motivação é mais importante que outra na definição de um turista. Desta perspectiva, então, um "peregrino" é um turista (turista religioso) motivado por fatores espirituais ou religiosos (GIUMBELLI, 2018, **tradução nossa**).

Natividade pode ser considerada o berço cultural do estado do Tocantins, tendo como oferecer/atrair desenvolvimento local por meio do turismo religioso, tanto para a região e para quem participa de suas festividades. Quais seriam as implicações de utilizar a cultura como recurso para o desenvolvimento da cidade e fazer com que a cidade se encaixe nos moldes de “turistificação” do sagrado? Como entender esse processo? Qual o caminho seguir?



Identificando possibilidades: Sebrae Tocantins e turismo religioso em Natividade

Em agosto de 2013, uma iniciativa por parte do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), no Tocantins, resultou em um “Diagnóstico da Romaria do Senhor do Bonfim”, que tinha como objetivo fomentar o turismo religioso no município de Natividade, por meio de uma ação educativa voltada ao setor comercial da cidade.

Na época, cursos, oficinas, palestras e consultorias foram realizados especificamente para sanar às necessidades encontradas nessa análise, visando aprimorar e impulsionar o setor turístico do estado (SEBRAE TOCANTINS, 2013).

Foram entrevistadas 345 pessoas para diagnóstico do perfil de turistas e 105 comerciantes para diagnóstico do perfil de pequenos negócios. Dados do relatório mostram que na Romaria do Bonfim, que acontece na primeira quinzena de agosto, a maioria dos romeiros são turistas (52%), vem acompanhados de suas famílias (60%), se deslocam em veículo próprio (57%), pernoitam na cidade (63%) entre 2 e 4 dias, se hospedam em casa de amigos ou parentes (37%) ou em acampamentos (34%), onde apenas 7% ficam hospedados em hotéis ou pousadas.

Sobre a motivação da viagem, 37% relataram que estariam pagando promessa e que desses, 74% receberam um milagre. A principal reclamação do público no perfil de turistas estava relacionada à infraestrutura da festa, sendo que 50% dos entrevistados consideram os banheiros e a limpeza do evento como ruins.

Além dos festejos religiosos, a Romaria reúne comerciantes de diversas partes do país que aproveitam a concentração de fiéis para vender roupas, sapatos, artesanatos, artigos religiosos e alimentos.

Outro dado relevante desse relatório acerca do turismo religioso para a Romaria do Senhor do Bonfim, é que cerca de 49% dos comerciantes não residem no Tocantins e 51% dos entrevistados não compram suas mercadorias no estado, o que gera preocupação quanto à movimentação da economia. Os comerciantes também se queixaram quanto à infraestrutura da festa, como as acomodações, limpeza e banheiros, porém, a principal queixa (80%) é quanto às taxas pelo espaço para comércio, que variam de R\$ 30,00 a R\$ 800,00.

A avaliação da infraestrutura básica e turística de Natividade, na visão dos turistas e excursionistas, na comunidade do Bonfim, foi que o meio de hospedagem no local está entre regular e ruim (67%), os restaurantes disponíveis estão entre regular e ruim (75%), o posto



médico disponível está regular para 42% dos entrevistados e o transporte intermunicipal até o local da festa está entre regular e ruim para 62% dos visitantes.

Por esse diagnóstico, nota-se que Natividade e suas festas atraem pessoas e movimentam a economia local, mas não há estrutura adequada e satisfatória, nem para os turistas e nem para os comerciantes que ali estão.

Pensar o turismo apenas sob o aspecto econômico e comercial pode levar a um empobrecimento, por ser este compreendido como um fenômeno mais complexo do que simples negócio ou produto, já que envolve tanto as pessoas que realizam as viagens quanto as que recebem os viajantes e, portanto, o encontro entre diferentes culturas, sendo vivenciado dentro de contextos históricos, políticos e sociais (SOUZA, 2010).

Moreira e Porta (2008) afirmam que o “desenvolvimento da economia da cultura exige mecanismos diversificados de fomento, diferentes da política de fomento via leis de incentivo fiscal”.

Por fim, sem atuação de diversas entidades como o Estado, com as políticas públicas, órgãos paraestatais com treinamentos e cursos, associação com a mobilização da comunidade e a iniciativa privada com o investimento, o desenvolvimento do turismo na região de Natividade não sairá do papel ou do imaginário local.

Considerações

“Ao longo dos séculos, religião e turismo desenvolveram-se conjuntamente, sendo que a religião muitas vezes foi elemento motivador para o crescimento e o desenvolvimento da atividade turística” (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 346-347). O estudo de festas religiosas como a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim permite-nos a compreensão de diversos elementos que colaboram com a constituição da identidade cultural de uma comunidade e a importância dessas festividades para o desenvolvimento local.

Independente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que por meio do rito, torna-se presente naquele momento. No tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, o homem quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de seus deuses, onde ele simula e recria outro ser baseado nos mitos, enfim, na história (SOUSA, 2017).



E será por meio das características dessas festas religiosas, da história e memória de seus devotos que encontraremos um caminho para analisar como se dá a relação entre desenvolvimento local por meio do turismo religioso, além da construção de identidade cultural da cidade por meio da religiosidade.

Giumbelli (2018) destaca que o turismo tem que ter relação com outras possibilidades, não apenas a festa ou a romaria, mas outros tipos de viagens. E ainda, atentar que

[...] diante das transformações que, em muitos casos, tornaram difícil separar o que é religioso e o que é turístico no plano dos destinos, das tecnologias de deslocamento, das motivações, somos tentados a desistir de produzir distinções. Por outro lado, é fácil constatar como essas categorias – religião e turismo – são parte dos discursos de agentes que experienciam ou buscam interferir nas características de destinos, deslocamentos e motivações. Parece então que a tarefa está em estabelecer uma perspectiva a partir da qual essas categorias – e outras – em suas relações variadas são produzidas e agenciadas (GIUMBELLI, 2018).

Das motivações para o desenvolvimento de Natividade, não será suficiente só a presença da Asccuna à frente das ações e projetos. O Estado tem papel fundamental nesse processo, uma vez que ele é o “agente autorizado” por “vender” a cidade e sua cultura como atrativo turístico, porém esse papel tem se confundido com interesses de outros agenciados no processo.

[...] a mobilidade turística que visa o aproveitamento das potencialidades culturais tem sido também compreendida por diferentes pesquisadores como uma instância marcada pelo jogo político e por um tipo de consumo pautado pelo espetáculo, onde poucos ganham, tornando a cultura um recurso mercantilizado, com a finalidade de satisfazer os fins econômicos do turismo e onde as populações locais não participam dessa dinâmica, constituindo assim momentos privilegiados para a não garantia da sua sustentabilidade e desenvolvimento (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 49-50).

“Assim como é parte de políticas estatais, o turismo depende de agentes econômicos” (Giumbelli, 2018). E muitas vezes, a presença de todo um aparato turístico não caracteriza o modo como os viajantes poderão se identificar.

Giumbelli (2018) citando Stausberg (2011) expõe que

Em alguns casos, [...] as expectativas e o enquadramento associados às peregrinações parecem dissuadir as pessoas de se referirem a si mesmas como peregrinos, mesmo que pareçam ser exatamente isso para pessoas de fora [...]. Em outros casos, os viajantes afirmam ser peregrinos porque têm motivações ou expectativas específicas,



embora as viagens não sejam anunciadas como peregrinações (GIUMBELLI, 2018, **tradução nossa**).

É preciso formular ações integradas e contínuas que enfrentem os gargalos, sobretudo quanto à distribuição de produtos, geração de renda, infraestrutura, divulgação da cidade como destino turístico e promoção dessas festividades religiosas. Implantar uma estratégia para esse setor é um desafio imediato se quisermos aproveitar oportunidades geradas pelo turismo religioso.

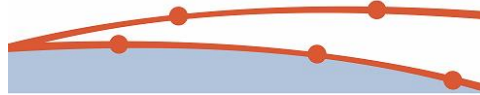
Com o apoio e protagonismo da Asccuna em Natividade, as festas religiosas na cidade, que compõem o acervo de patrimônio imaterial da cultura local, podem se tornar atrativos do turismo religioso, extrapolando assim, as categorizações “definidas” pelo Ministério do Turismo e Governo do Tocantins como local de turismo de aventura e ecoturismo.

[...] para que haja a sustentabilidade turística e um maior aproveitamento das potencialidades culturais, considera-se de crucial relevância que se desenvolvam políticas a longo prazo que venham envolver as populações na conservação das potencialidades locais, fazendo com que essa participação sirva para o seu bem-estar e afirmação. Isso significa para a população prevenir distorções nas representações sobre os elementos patrimoniais e garantir que os benefícios provenientes da atividade sejam experimentados por um maior número de pessoas (FIGUEIREDO, 2005, citado por LOPES, PEREIRA, 2017, p. 50).

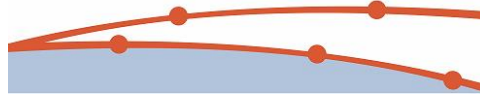
Das reflexões sobre um possível desabrochar do município de Natividade para o turismo religioso: é possível? A cidade e as pessoas estão preparadas e dispostas a investir de fato no turismo e tornarem-se um destino da fé? Percebe-se que público existe e as manifestações religiosas também são realizadas pela comunidade em todos os anos. Quem são os atores que agenciam o patrimônio e o turismo religioso? Como identificar as potencialidades que são arranjadas socialmente em cada festividade? Por fim, qual caminho seguir?

Referências

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. Festa à Brasileira - Significados do Festejar no País que 'Não é Sério'. 1998. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. doi:10.11606/T.8.1998.tde-21102004-134208. Acesso em: 2017-08-17.
ASCCUNA. **Asccuna**. Disponível em: <<http://www.joiasdenatividade.com.br/>> Acesso em: 19 dez 2018.



- BAJOIT, Guy. **Tudo muda; proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas**. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.
- BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. **Caminhos de Geografia**, 10(14)107-114, Fev, 2005.
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOLL, Armindo, OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Tabuaté. In: **CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO**. 8, 2005, Teresina. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo-_Armindo_e_Marcelo.pdf>. Acesso em: 02 jul 2010.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed.– São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FARIAS, Edson. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. **Soc. estado**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- FORGA, José Maria Prat, VALIENTE, Gemma Cànoves. Las romerías, oportunidad turística y relaciones sociales entre locales y visitantes. el caso de la Cerdanya en Cataluña. **Cuadernos de Turismo**, nº 41, (2018); pp. 575-589.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. - I.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIUMBELLI, Emerson. Religious Tourism. **Religion And Society: Advances In Research**, v. 9, p. 24-38, 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 7ª ed. Editora DP&A: São Paulo, 2002.
- HAGEN, Everett E. O Processo de Mudança. In: DURAND, José Carlos Garcia. **Sociologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- JALUSKA, Taciane, JUNQUEIRA, Sérgio. A utilização dos espaços sagrados pelo turismo religioso e suas possibilidades como ferramenta auxiliar para o estabelecimento do diálogo entre as nações. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, Vol. 14 - nº 3 - p. 337–348 / set-dez 2012. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/3142/2402>> Acesso: 15 de mai. 2018.
- LOPES, José Rogério, PEREIRA, Ângelo Moreira. Patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local: Estudo de caso da Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. Sociabilidades Urbanas – **Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.2, p. 45-60, julho de 2017.
- LOPES, José Rogério. Coleções de fé, fluxos materiais e hibridismos nas festas religiosas. **Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 16, n.20, p.134-153, jan-jun de 2014.
- MAIO, Carlos Alberto. TURISMO RELIGIOSO E DESENVOLVIMENTO LOCAL. **Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**, 12 (1) 53-58, jun. 2004. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/503/505>> Acesso em: 15 mai 2018.
- MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI**. Libero: Ano III, V. 3, nº 6, 2000, p. 56-63.



MESSIAS, Noeci Carvalho. Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. 2010, 352 f. **Tese** (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf>. Acesso em 23 ago 2011.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, PORTA, Paula. Economia da Cultura. **Ministério da Cultura**, Brasília, 03 fev. 2008. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/economia-da-cultura-138635/10883> Acesso em: 15 ago. 2018.

MORENO, Julio Cesar. A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do turismo religioso. 2009. **Tese** (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.27.2009.tde-19112010-084056. Acesso em: 15 mai. 2018

MUNICÍPIOS são agrupados em cinco categorias. **Ministério do Turismo**, Brasília, 25 ago. 2015a. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5405-munic%C3%ADpios-tur%C3%ADsticos-brasileiros-s%C3%A3o-agrupados-em-cinco-categorias.html>> Acesso em: 15 mai. 2018.

MUNICÍPIOS do Tocantins são agrupados de acordo com o tamanho da economia turística. **Ministério do Turismo**, Brasília, 25 ago. 2015b. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5431-munic%C3%ADpios-do-tocantins-s%C3%A3o-agrupados-de-acordo-com-o-tamanho-da-economia-tur%C3%ADstica.html>> Acesso em: 15 mai. 2018.

NATIVIDADE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=171420&search=tocantins|natividade>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

OLIVEIRA, Frederico Salomé de. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: a Festa do Divino da Comunidade Canela, Antes e Depois de Palmas/TO. **ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 6, 2010, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24418.pdf>> Acesso em: 12 jan 2011.

OLIVEIRA, Marines Rute de. **Desenvolvimento econômico: análise espacial da Região Oeste de Paraná**. Curitiba: Appris, 2016.

PRAZERES, Joana, CARVALHO, Adão. Turismo Religioso: Fátima no Contexto dos Santuários Marianos Europeus. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 13 N.º 5. Págs. 1145-1170. 2015.

SEBRAE TOCANTINS– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Brasil). **Diagnóstico do segmento de Turismo Religioso na Romaria do Senhor do Bonfim – Natividade (TO)**. Palmas, 2013, 44 p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVEIRA, Emerson J. Sena. Turismo religioso popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. Jaén (Espanha): **Revista de Antropologia Experimental**, n.4, 2004.

_____. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, maio 2007.

SOARES, Marcelle. Cultura e Patrimônio. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 09 dez 2017. Disponível em: <<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/cultura-e-patrim%C3%B4nio-1.1413357>>. Acesso em: 02 jan 2019

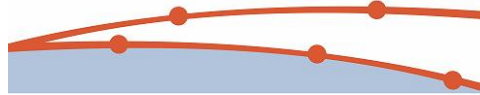
SOUSA, Poliana Macedo de. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

2019

IX Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Processos, Políticas
e Transformações
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
Dia: 11, 12 e 13 de setembro de 2019
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



- SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127362013>> Acesso em: 01 ago. 2017
- SOUZA, Tatiana Roberta de. Lazer e Turismo: reflexões sobre suas interfaces. **SEMITUR**, 6. Universidade de Caxias do Sul. 2010. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tpIV/SeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt11/arquivos/11/Lazer%20e%20Turismo%20Reflexoes%20Sobre%20Suas%20Interfaces.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.
- TERZIDOUA, Martina, SCARLES, Caroline, SAUNDERS, Mark N. K. The complexities of religious tourism motivations: Sacred places, vows and visions. **Annals of Tourism Research**. Volume 70, May 2018, Pages 54-65.
- TURISMO religioso continua em alta no Brasil. **Ministério do Turismo**, Brasília, 12 jan. 2015b. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/712-turismo-religioso-continua-em-alta-no-brasil.html>> Acesso em: 15 mai. 2018
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- YUDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.